

Artigo Original

Atividades de aventura: reflexões sobre a produção científica brasileiraFabiano Augusto Teixeira¹Alcyane Marinho^{1 2}¹ *Graduado em Educação Física, na Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil*² *Pós-doutoranda do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil*

Resumo: Este artigo constitui-se em uma pesquisa descritiva tendo como objetivos: investigar os grupos brasileiros que pesquisam atividades de aventura cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa, desenvolvido pelo CNPq, e analisar a produção científica dos líderes e vice-líderes desses grupos, apresentada em periódicos científicos, livros e capítulos de livros no triênio 2006-2008. A análise foi realizada por meio da frequência e do percentual, baseando-se no Qualis 2007-2009. Foram encontrados 23 grupos, responsáveis por 271 publicações em periódicos, 20 em livros e 95 em capítulos de livros, no período pesquisado. Em apenas 32 periódicos, 5 livros e 10 capítulos as discussões tem relação direta com a temática atividades de aventura. Embora tenha ocorrido um aumento significativo na constituição de grupos que pesquisem sobre o assunto, ainda, não há uma produção específica e substancial, capaz de consolidar as reflexões necessárias, sendo prementes novos estudos e intervenções que venham a contribuir para tal consolidação.

Palavras-chave: Atividades de Aventura. Produção Científica. CNPq.

Adventure activities: reflections on the Brazilian scientific production

Abstract: This article is based on a descriptive search and aimed to: investigate the research groups registered in the Directory of Research Groups, developed by CNPq, and to review the scientific production of the leaders and deputy leaders of these groups, presented in scientific journals, books and chapters of the three years 2006-2008. The analysis was performed by frequency and percentage, based on 2007-2009 the Qualis. Twenty-three groups found concentrated, especially in federal universities, mostly located in South and Southeast of Brazil. Among the 90 lines of research identified, only 7 have a term related to the adventure activities on their behalf. Most groups is coordinated by leaders and deputy leaders, doctors and post-doctors. The data indicate that, in the period surveyed, there were 271 publications in journals, 20 books and 95 chapters. However, only 32 journals, 5 books and 10 book chapters, discussion is directly related to the theme of adventure activities. Although there was a significant increase in the formation of groups to research on the subject, even, there is a specific and substantial production, able to consolidate the reflections necessary, and urgent further research and interventions that would contribute to such consolidation.

Key Words: Scientific production. Adventure activities. CNPq.

Introdução

O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil foi iniciado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 1992 e constitui-se no inventário dos grupos de pesquisa em atividade no país. Trata-se de um programa de caráter censitário. Suas bases de dados contem informações sobre os recursos humanos constituintes dos grupos de pesquisa, as linhas de pesquisa em andamento, as especialidades do conhecimento, os setores de atividade envolvidos, os cursos de mestrado e doutorado com os quais o grupo interage, bem como a produção científica, tecnológica e artística dos pesquisadores e estudantes que integram os grupos (CNPq Censos 2009).

Além disso, cada grupo é situado no espaço (região, UF e instituição) e no tempo, ou seja, estão localizados em universidades, instituições isoladas de ensino superior, institutos de pesquisa científica, institutos tecnológicos, laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de empresas estatais ou ex-estatais e em algumas organizações não-governamentais com atuação em pesquisa. As informações são atualizadas continuamente pelos líderes de grupos, pesquisadores, estudantes e dirigentes de pesquisa das instituições participantes (CNPq, 2009).

O Diretório foi desenvolvido com o intuito de descrever com precisão os limites e o perfil geral da atividade científico-tecnológica no Brasil, bem como ser capaz de fornecer aos interessados uma grande e diversificada massa de informação sobre detalhes de quem realiza as atividades,

¹ Pesquisadora do Laboratório de Estudos do Lazer da UNESP, Rio Claro, SP Brasil

como e onde se realizam e sobre o que pesquisam (CNPq, 2009).

Um grupo de pesquisa, segundo o [CNPq Censos](#) (2009), é definido como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente, cujo fundamento organizador da hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico, em que há envolvimento profissional e permanente com atividades de pesquisa, no qual o trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa e que, em algum grau, compartilham instalações e equipamentos. Cada grupo de pesquisa deve, desta forma, organizar-se em torno de uma liderança (eventualmente duas), que é a fonte das informações constantes na base de dados.

Portanto, esse Diretório de grupos foi desenvolvido para que toda a comunidade acadêmica (estudantes de graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado e afins) possa ter conhecimento dos trabalhos que estão sendo realizados pelos grupos de pesquisa nas diversas instituições de ensino no país.

Partindo dessas premissas, os objetivos deste artigo são investigar os grupos de pesquisa, que estudam as atividades de aventura no Brasil, cadastrados no Diretório dos Grupos de pesquisa do CNPq, e analisar a produção científica de seus líderes e vice-líderes, apresentada em periódicos científicos, livros e capítulos do triênio 2006, 2007 e 2008.

Nessa perspectiva, o diretório torna-se fundamental na elaboração deste trabalho, pois, além daquelas informações diretamente disponíveis sobre os grupos, seu caráter censitário convida ao aprofundamento do conhecimento por meio das inúmeras possibilidades de estudos empíricos. Além disso, a construção de amostras de grupos e pesquisadores permite alcançar respostas sobre campos não cobertos pelos dados. Finalmente, a base de dados, na medida em que se pretende recorrente, possui cada vez mais um importante papel na preservação da memória da atividade científico-tecnológica no Brasil.

É importante ressaltar que foi possível encontrar, nos estudos realizados por [Souza e Isayama](#) (2006), um levantamento similar, no qual os autores analisaram os grupos de pesquisa da área de Educação Física cadastrados na Plataforma Lattes do site do CNPq que se dedicaram à produção de conhecimento sobre o lazer, mais especificamente aqueles que apresentam uma abordagem direta sobre esse tema.

Além do referido estudo, não foram encontradas outras pesquisas que tivessem realizado este tipo de levantamento específico sobre as atividades de aventura, justificando,

portanto, a realização do presente trabalho. Esta iniciativa, inclusive, pode representar uma importante ferramenta para a identificação do estado da arte das atividades de aventura no Brasil, auxiliando outros pesquisadores e interessados pelo tema, além de disseminar conhecimentos sobre as necessidades e demandas desse campo científico.

Métodos

Caracterização da pesquisa

De acordo com os procedimentos metodológicos, a presente pesquisa classifica-se como quantitativa e descritiva. Segundo [Ribeiro, Echeveste e Danilevicz](#) (2001), a etapa quantitativa permite que sejam realizadas análises numéricas dos dados levantados pelos instrumentos utilizados, sendo capazes de estabelecer relações e causas, levando em conta as quantidades.

Esta pesquisa refere-se à abordagem descritiva, tendo como finalidade conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir e modificá-la ou, ainda, segundo [Baruffi](#) (1998), tem como objetivo descrever, registrar, interpretar e correlacionar fatos ou fenômenos não manipuláveis. Isto é, toma os dados coletados como eles se apresentam na natureza, procurando descobrir, com a precisão possível, a frequência com que o fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros fenômenos, sua natureza e características.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, esta pesquisa é de levantamento, pois envolve a busca direta dos dados que se pretende analisar e, ainda, conforme [Gil](#) (2002), recolhe informações diretas de todos os dados do universo pesquisado, tendo-se um censo.

Instrumentos de coleta de dados

Os grupos encontrados no levantamento foram organizados em uma ficha elaborada no documento do programa *Office/Word 2007*, na qual foram registrados: ano de criação, data da última atualização, instituição de origem, área de atuação, líderes e vice-líderes com suas respectivas titulações e, por fim, linhas de pesquisa.

Posteriormente, foi realizada uma outra busca, desta vez, na Plataforma Lattes, com o intuito de investigar o Currículo Lattes dos líderes e vice-líderes dos grupos encontrados. A delimitação para este levantamento foi a produção científica em periódicos científicos, livros e capítulos de livros do triênio 2006-2008. A escolha por este triênio se deu pelo fato de, nesta pesquisa, ter-se optado pelo ano completo, finalizado. Embora o Qualis 2007-2009 já tivesse sido publicado, o ano ainda não havia terminado, neste caso, 2009.

É pertinente informar que a Plataforma Lattes se constitui na base de dados de currículos e de

instituições das áreas de ciência e tecnologia. A opção por esta base de dados se deu devido a sua importância atual se estender não somente às atividades operacionais de fomento do CNPq, mas, também, às ações de fomento de outras agências federais e estaduais. Dado seu grau de abrangência, as informações constantes na Plataforma Lattes podem ser utilizadas tanto no apoio a atividades de gestão, como no apoio à formulação de políticas para a área de ciência e tecnologia. Por meio desta Plataforma foi analisado o Currículo Lattes dos líderes e vice-líderes dos grupos investigados. Tal currículo registra a vida pregressa e atual dos pesquisadores sendo elemento indispensável à análise de mérito e competência dos pleitos apresentados à Agência ([CNPq, PLATAFORMA LATTES](#), 2009).

Procedimentos de coleta

Para a realização da coleta de dados desta pesquisa, os procedimentos utilizados foram o acesso ao *site* do CNPq e ao *link* do Diretório dos Grupos de Pesquisa. Na “busca”, foi acessada a Base Corrente e foi selecionada a opção “grupos”. Sem a utilização de filtro, foram inseridas as palavras-chave: “atividades de aventura”, “esportes e natureza”, “esporte de risco”, “esporte radical”, “esporte na natureza”, “esportes de aventura” e “aventura”.

Este procedimento possibilitou a visualização de uma lista com todos os grupos de pesquisa do Brasil cadastrados no *site*, com as referidas palavras-chave, permitindo o acesso às informações de cada grupo de pesquisa, as quais foram utilizadas para a elaboração de uma ficha.

Para que os dados encontrados não sofressem alterações com atualizações dos líderes dos grupos de pesquisa, os levantamentos (grupos de pesquisa, busca de líderes, coleta sobre as produções em periódicos, livros e capítulos de livros e classificação dos periódicos no Qualis) foram realizados ininterruptamente ao longo do dia 19 de Abril de 2009. É importante ressaltar que atualizações e acréscimos de dados posteriores a esta data foram desconsiderados.

Análise dos dados

Tanto as análises das publicações em livros e capítulos de livros quanto em periódicos foram quantitativas; sendo que a análise da produção em periódicos teve como base o Qualis atual (2007-2009). O Qualis se constitui em uma lista de veículos utilizados para a divulgação da produção intelectual dos programas de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), classificados com relação ao âmbito de circulação e à qualidade, por área de avaliação.

É pertinente destacar que o Qualis atende aos objetivos específicos e exclusivos do processo de avaliação da pós-graduação promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de

Nível Superior (CAPES) e é alimentado pelas informações anualmente fornecidas pelos programas por intermédio de coleta de dados (em base específica da CAPES). Conforme deliberação do Conselho Técnico Científico, em 16 e 17/4/2008, a classificação dos periódicos divulgados no Qualis das áreas passou a ser composta por oito estratos: A1 (o mais elevado); A2; B1; B2; B3; B4; B5 e C (com peso zero) ([WEBQUALIS 3.0](#), 2009).

Para o tratamento estatístico, foram utilizados a frequência e o percentual, de acordo com o Programa *SPSS for Windows 13*, uma vez que seu objetivo básico é o de sintetizar uma série de valores de mesma natureza, permitindo, dessa forma, que se tenha uma visão global da variação desses valores, organizando e descrevendo os dados de três maneiras: por meio de tabelas, gráficos e medidas descritivas ([GUEDES; GONÇALVES](#), 2007).

Resultados e Discussão

As atividades de aventura constituem-se nas diversas práticas manifestadas, em diferentes locais naturais (terra, água ou ar), cujas características se diferenciam dos esportes tradicionais, tais como as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento, além da necessidade de inovadores equipamentos tecnológicos possibilitando uma fluidez entre os praticantes e o meio ambiente ([MARINHO](#), 2006).

Diante do atual interesse pela prática por este segmento, por parte de diferentes atores sociais (esportistas, pesquisadores, empresas, escolas, etc.), despontam grupos de pesquisa e estudos que vem ampliando sistematicamente a produção científica do fenômeno, auxiliando em sua compreensão, em especial, no contexto da Educação Física.

Tal fato pode ser comprovado no encerramento e na atualização de dados, em novembro de 2008, em que foram encontrados mais de 22.800 grupos de pesquisas no Brasil cadastrados no Diretório do CNPq. Especificamente com relação à área da Educação Física, foi possível observar 352 grupos ([JORNAL DA CIÊNCIA](#), 2009).

Tendo como referência os dados apontados nos estudos realizados por [Souza e Isayama](#) (2006), pode-se constatar que o número de grupos de pesquisa no Brasil vem crescendo significativamente nos últimos anos, pois os autores apontaram a existência de 15.158 grupos de pesquisa cadastrados em 2002. Representando, assim, que, até a data de atualização dos dados deste estudo, houve um crescimento significativo dos grupos de pesquisa no Brasil.

Dentre os grupos mencionados anteriormente, 352 são cadastrados na área da Educação Física, tornando os dados encontrados relevantes, quando comparados aos estudos

realizados por [Cunha et al.](#) (2001), os quais detectaram a existência de 78 grupos de pesquisa cadastrados na área de Educação Física até o ano de 2000. Sendo assim, é possível afirmar que houve um crescimento de 351,5% nos últimos nove anos.

Conforme os dados apresentados na figura 1, pode-se notar o crescimento da Educação Física face às outras áreas do conhecimento, tendo em vista que dos 23 grupos de pesquisa encontrados no site do Diretório do CNPq, a área da Ciências da Saúde foi predominante (16 grupos - 69,56%) em número de grupos que estudam as atividades de aventura, seguida pelas áreas: Ciências

Humanas (6 grupos - 26,09%) e Ciências Sociais Aplicadas (1 grupo - 4,35%). Além disso, os dados permitem salientar o reconhecimento da importância do Diretório pelas comunidades de pesquisadores (acadêmicos de graduação, pós-graduação, mestres, doutores e pós-doutores).

Nesta perspectiva, assim como nos estudos realizados por [Daolio](#) (2007), pode-se acreditar que a Educação Física deixou de ser apenas uma área de prática pedagógica ou de aplicação de conceitos provindos de outras áreas acadêmicas, para tornar-se uma área de produção de conhecimento científico.

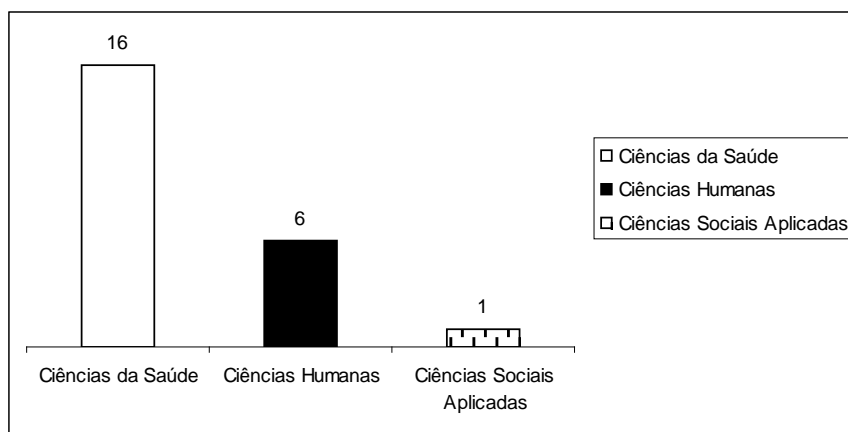


Figura 1. Distribuição dos grupos de pesquisa que estudam as atividades de aventura por área de conhecimento.

No presente estudo, foram encontrados 23 grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de pesquisa do CNPq no Brasil que estudam as atividades de aventura, os quais se encontram no contexto de oito áreas de conhecimento, conforme apresentado na figura 2. São elas: Educação Física (15 grupos - 65,21%), Fisioterapia e Terapia Ocupacional (1 grupo - 4,35%), Antropologia (2 grupos - 8,69%), Psicologia (1 grupo - 4,35%), Educação (1 grupo - 4,35%), História (1 grupo - 4,35%), Sociologia (1 grupo - 4,35%) e Turismo (1 grupo - 4,35%).

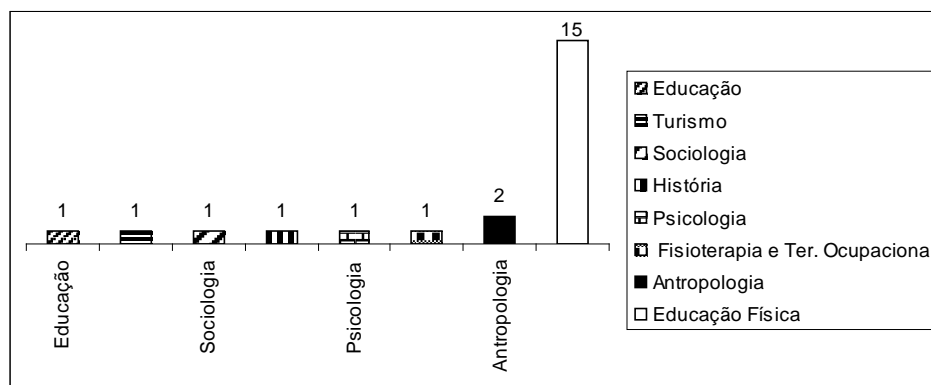


Figura 2. Distribuição dos grupos de pesquisa por área de conhecimento.

De antemão, é preciso destacar que nem todos os grupos de pesquisa envolvidos com as atividades de aventura estão cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. No entanto, é importante lembrar que os dados obtidos são frequentemente utilizados para a formulação de políticas de incentivo e de fomento

pelas agências acadêmicas. Sendo assim, é possível que muitos grupos de pesquisa, ainda, não tenham dado a devida importância para o fornecimento preciso dos dados, o que, se confirmado, revela [Kokubun](#) (2003), a incipiência da área, que não valoriza suas próprias iniciativas de pesquisa.

Os dados da figura 3 apontam as regiões Sul (8 universidades - 35%) e Sudeste (7 universidades - 30%) como maiores polos em concentração de grupos de pesquisa sobre atividades de aventura, correspondendo a um total de 65%. Em seguida estão as regiões Centro-Oeste (5 universidades - 22%) e Nordeste (3 universidades - 13%), totalizando 35%.

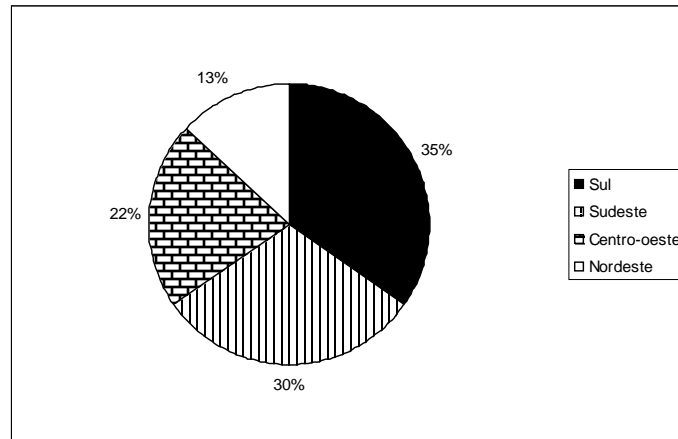


Figura 3. Distribuição dos grupos de pesquisa por região brasileira.

Curiosamente, em dois estudos similares a este, pode-se observar que as maiores concentrações de grupos de pesquisa também estavam nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Em um dos estudos, como mencionado anteriormente, o objetivo foi analisar os grupos de pesquisa da área de Educação Física cadastrados na Plataforma Lattes do site do CNPq que se dedicam à produção de conhecimento sobre o lazer (SOUZA; ISAYAMA, 2006). Em outro, foi analisar as comunidades científicas que investigam questões relacionadas às Ciências do Movimento Humano, Ciência da Motricidade Humana, Ciências do Esporte ou Educação Física (CUNHA et al., 2001).

Tal fato pode se justificar devido à concentração de 63,3% das instituições brasileiras de ensino superior estarem na região Sudeste; 14,3% na região Sul; 10,3% na região Nordeste; 9,2% na região Centro-oeste e 2,7% na região Nordeste (MARTINS, 1996).

Pode-se notar que a maior parte dos grupos de pesquisa encontrados, como demonstrado na figura 4, está inserida em universidades federais (11 grupos - 47,83%). Em seguida, encontram-se as universidades particulares (6 grupos - 26,09%), as instituições estaduais (5 grupos - 21,73%) e, por fim, a universidade municipal (1 grupo - 4,35%).

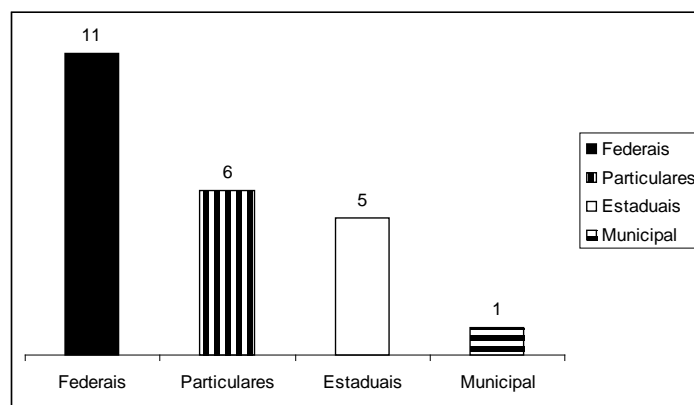


Figura 4. Distribuição dos grupos de pesquisa nas instituições de ensino superior no Brasil.

Quando se trata da titulação dos líderes e vice-líderes que comandam os grupos de pesquisa, verifica-se, na figura 5, que 24 pesquisadores são doutores (66%), seis são mestres (17%) e seis possuem pós-doutorado (17%).

Tais dados demonstram a preocupação em ter como responsável pela direção do grupo e das pesquisas professores capacitados e estudiosos no assunto em que pretendem investigar.

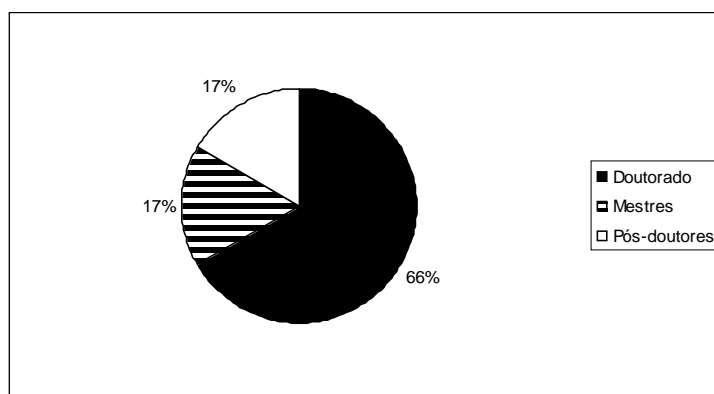


Figura 5. Distribuição da titulação dos responsáveis pelos grupos de pesquisa.

Ao identificar o ano de formação dos grupos de pesquisa, verificou-se que o de 2007, como apresentado na figura 6, foi o de maior cadastramento no site do Diretório, período em que cinco grupos realizaram o cadastramento (21,74%). Em seguida, foi o ano de 2002, no qual quatro grupos realizaram o cadastramento (17,40%). No ano de 2008, três grupos se cadastraram (13,04%), enquanto nos anos de 1996, 2003, 2006 houve apenas dois grupos, por ano, que realizaram o cadastramento (8,69%). Por fim, os anos de 1995, 1998, 2000, 2004, 2005 foram encontrados, para cada ano, um novo grupo cadastrado (4,35%).

É importante salientar que, em 2002, tornou-se obrigatório a todos os bolsistas de pesquisa, mestrado, doutorado, iniciação científica, além de orientadores credenciados e outros sujeitos que utilizam o CNPq, terem o currículo cadastrado na Plataforma Lattes. A inexistência do currículo impediria pagamentos de bolsas e renovações. Até então, o levantamento do número de grupos era feito por um censo anual, que fornecia uma

visão pontual da situação dos grupos, pois, no período entre os censos, as informações não podiam ser atualizadas, havendo pouca integração entre informações (SOUZA; ISAYAMA, 2006).

Além disso, como se sabe, o elemento fundamental para a produção de conhecimento é o financiamento dos seus custos e, para obtenção de recursos para pesquisa, como bolsas e auxílios financeiros, qualquer cientista brasileiro deve apresentar um projeto, o qual deve ser aprovado quanto ao mérito, e seu currículo deve alcançar uma determinada pontuação no sistema de classificação dos órgãos de fomento, como, por exemplo, o CNPq (RODRIGUES, 2007).

Compreende-se, ainda, que o fato de a maioria dos grupos encontrados ter se cadastrado recentemente, pode-se justificar devido às atividades de aventura se constituírem em uma temática ainda não consolidada e em emergência, tanto na Educação Física como em outras áreas do conhecimento.

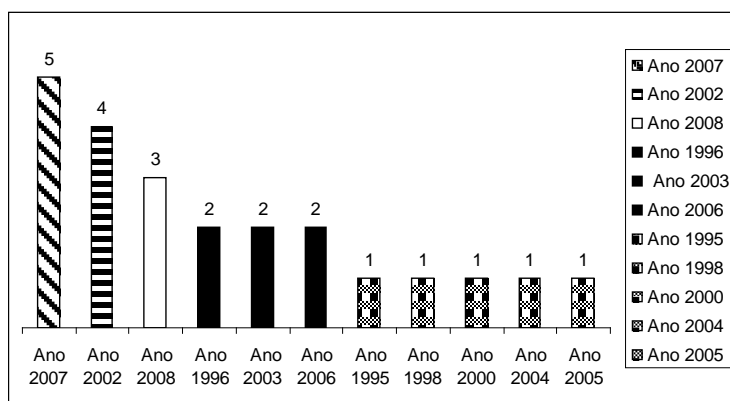


Figura 6. Distribuição dos grupos de pesquisa por ano de cadastramento.

Atualmente, ainda que de forma tímida, [Marinho](#) (2004) destaca que algumas áreas tem se envolvido com esta temática, no sentido de

aprimorar seus estudos e redimensionar as perspectivas atuais, como é o caso da Educação Física, do Turismo, da Biologia, entre outras áreas, nas quais são apontados alguns estudos

referentes à interdisciplinaridade nas questões pertinentes à natureza.

Pensando nisso, algumas iniciativas estão em emergência, tais como: o crescimento do número de eventos científicos discutindo a temática; o aumento das publicações de livros e de periódicos; a abertura de disciplinas optativas e obrigatórias, cursos de extensão e pós-graduação nas áreas de Educação Física, Turismo, entre outros; e a criação de comissões específicas sobre a temática, as quais tem se apresentado favoráveis na disseminação e no crescimento dos estudos pelos grupos de

pesquisa sobre as atividades de aventura ([MARINHO](#), 2010).

Neste contexto, foi possível observar que os pesquisadores vem, cada vez mais, preocupando-se em manter atualizadas as informações sobre o grupo de pesquisa em que estão inseridos. A figura 7 demonstra que, do total de 23 grupos, apenas dois estão desatualizados há mais de um ano (8,70%). A maioria dos grupos está atualizada há menos de seis meses (15 grupos - 65,21%) e seis grupos há mais de seis meses (26,09%).

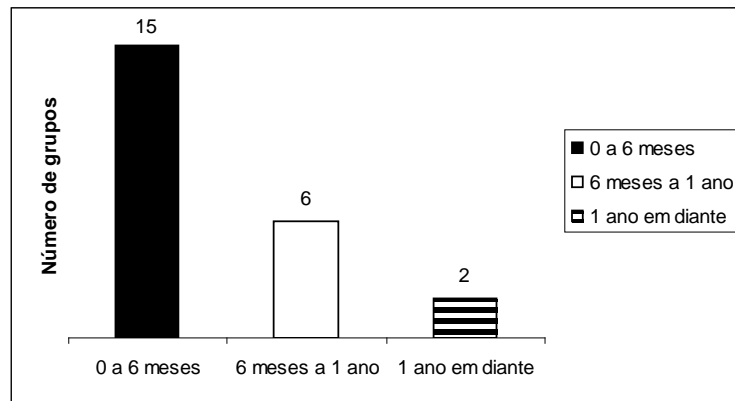


Figura 7. Distribuição das atualizações dos grupos de pesquisa por ano.

A figura 8 demonstra que, na área da Ciências da Saúde, predominaram os trabalhos publicados tanto em periódicos científicos quanto em livros e capítulos de livro. No entanto, ainda assim, não se pode desconsiderar que outras áreas também vem ampliando as direções de seus estudos e, com isso, pode-se constatar que está havendo um crescimento no número de produções científicas por parte dos pesquisadores de outras áreas que visam consolidar as reflexões necessárias para as atividades de aventura.

Aqui, remetemo-nos à interdisciplinaridade, recorrendo a [Fazenda](#) (2004). O autor aponta que o próprio significado da palavra retrata a junção/relação de duas ou mais áreas na intenção de se trabalhar/debater um mesmo tema mantendo suas especificidades. Com isso, o modo de trabalho interdisciplinar exige dos pesquisadores um aprofundamento no conhecimento disciplinar, ao mesmo tempo que exige uma habilidade para dialogar e construir com outros campos disciplinares.

O argumento utilizado por [Vaz](#) (2003) para justificar a importância da interdisciplinaridade é que, havendo um diálogo mais tranquilo e menos autoritário entre os conhecimentos, estabelecendo-nos como um campo interdisciplinar de pesquisa e, quem sabe, até mesmo de intervenção, valorizaremos a primazia do objeto, colocando seus aspectos conceituais em primeiro plano e, ainda, junto com eles,

dimensões éticas e estéticas, que também devem ser, no mundo acadêmico, expressões humanas de primeira grandeza.

Existem trabalhos demonstrando que os pesquisadores são favoráveis à proposta de interdisciplinaridade entre estudos e pesquisas, no entanto, a falta de tempo para planejamento em equipe e a falta de condições de materiais são apontadas como dificuldade para que isso se efetive entre os diferentes grupos de estudos ([SANTOME](#), 1998).

Na perspectiva destas discussões, pode-se concordar também com [Marinho e Inácio](#) (2007) quando relatam como é importante enfatizar que a crescente demanda pelas atividades de aventura, vislumbrando diferentes espaços de atuação, exige uma nova postura profissional, capaz de corresponder, qualitativamente, ao interesse dos envolvidos, dando vigor à potencialidade do tema. Os autores também corroboram sobre o discurso da interdisciplinaridade, apontando como um bom começo para o desenvolvimento do segmento, a efetivação de intercâmbios de conhecimentos entre os profissionais de diferentes áreas, com o intuito de descobrirem as melhores (e menos degradativas) formas de manutenção das práticas esportivas, de turismo e/ou de lazer junto à natureza.

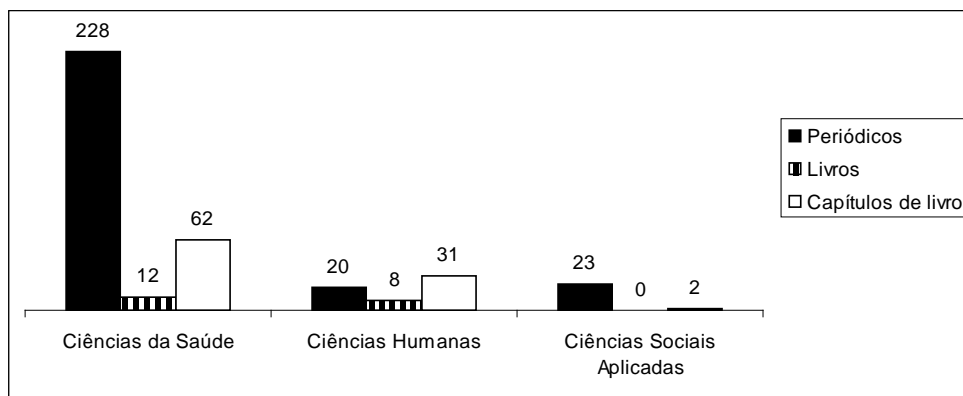


Figura 8. Distribuição da produção científica total dos grupos de pesquisa, no triênio 2006, 2007 e 2008, por área de conhecimento.

Apesar do que se apresenta, [Marinho e Inácio](#) (2007) ainda enfatizam que a interdisciplinaridade não é tão requerida quando o debate recai sobre o mercado de trabalho, ao menos, nos setores mais hegemônicos e conservadores da área da Educação Física. Segundo os autores, existe um importante debate a ser enfrentado, diante de um novo e necessário comportamento ante a natureza no que se refere à ética, que não deve ser fragmentada, especialmente, sobre a tentativa de apropriação de uma atividade socioeconômica por um campo profissional. Portanto, acredita-se que, se há uma crença na ação interdisciplinar como um dos pilares para uma prática ética no âmbito das atividades de aventura na natureza, deve também haver uma atuação profissional, igualmente, interdisciplinar. Discussão esta que não é exclusiva da Educação Física, ainda que a maioria dos grupos estudiosos do tema se situe

nesta área de conhecimento, como relata o estudo ora apresentado.

Na figura 9, verifica-se que, do total geral de 386 publicações em periódicos, livros e capítulos de livros, registrados no triênio 2006, 2007 e 2008, a maioria das publicações, 305 (79,01%), foi produzida pelos líderes dos grupos de pesquisa; e 81 (20,99%) pelos vice-líderes.

Embora seja possível considerar que a produção científica venha tendo um aumento significativo, [Tani](#) (2007) afirma que existem docentes que produzem muito e muitos docentes que produzem pouco. Além disso, segundo o autor, como o corpo docente qualificado é reduzido em número, muitos pesquisadores que são potencialmente produtivos são obrigados a assumir funções administrativas universitárias que acabam prejudicando sensivelmente a sua atividade de pesquisa.

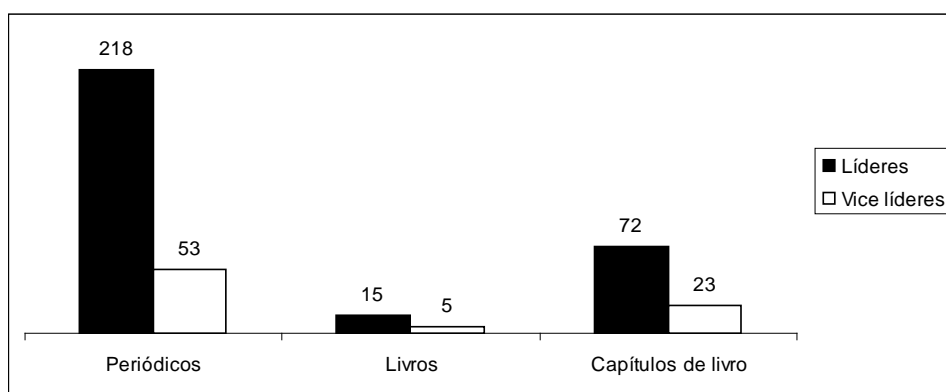


Figura 9. Publicação dos líderes e vice-líderes dos grupos.

No cenário atual, como mostra a figura 10, as produções científicas sobre atividades de aventura são originadas exclusivamente no contexto da área da Ciências da Saúde. Isto pode ser resultado de o curso de Educação Física estar em tal área, tendo em vista que todas as produções encontradas foram de autoria de

líderes e/ou vice-líderes formados em Educação Física.

Como mostra [Kokubun](#) (2003, 2006), de maneira geral, a produção científica da Educação Física tem tido um crescimento significativo, devido, especialmente, à melhoria dos cursos de graduação, à criação de novos cursos de pós-

graduação, ao aumento das exigências da CAPES e à formação de mestres e doutores mais

qualificados. Situações estas que alimentam o próprio sistema de pós-graduação como um todo.

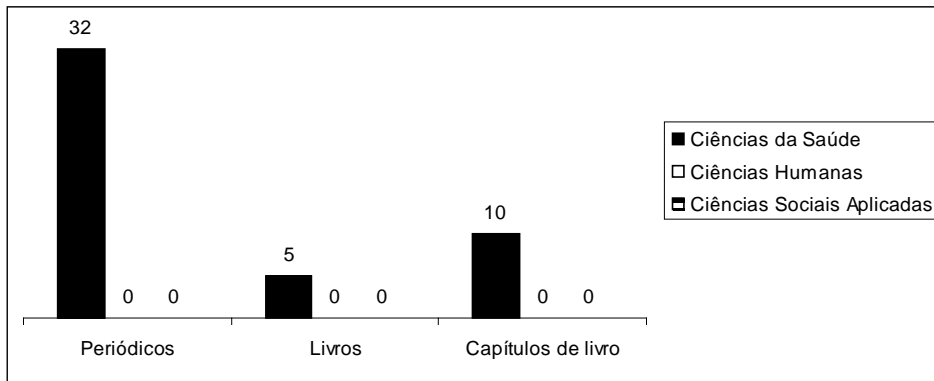


Figura 10. Distribuição da produção científica dos grupos de pesquisa, sobre as atividades de aventura, durante o triênio 2006, 2007 e 2008, por área de conhecimento.

Observa-se que não houve uma diferença significativa entre os líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa no que se refere ao número de publicações realizadas em periódicos, em livros e em capítulos de livros durante o triênio 2006, 2007 e 2008, como demonstra a figura 11.

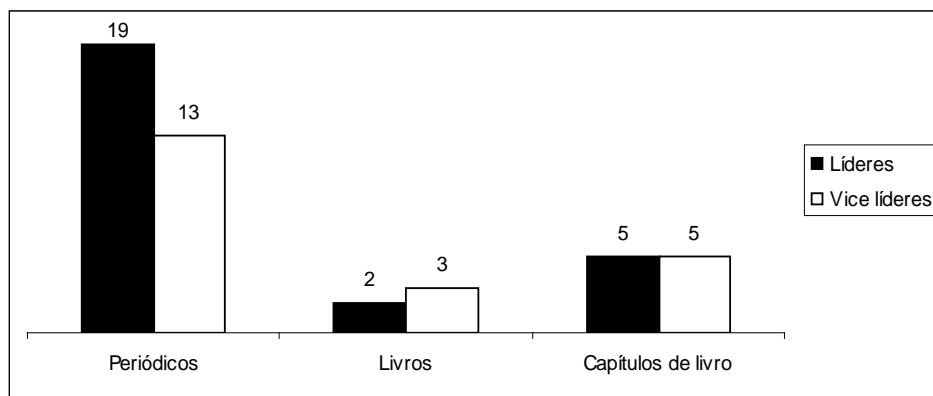


Figura 11. Distribuição da produção científica, sobre atividades de aventura, em periódicos, livros e capítulos de livros dos líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa.

Na figura 12, é possível observar o número total de publicações dos 23 grupos de pesquisa encontrados no Diretório.

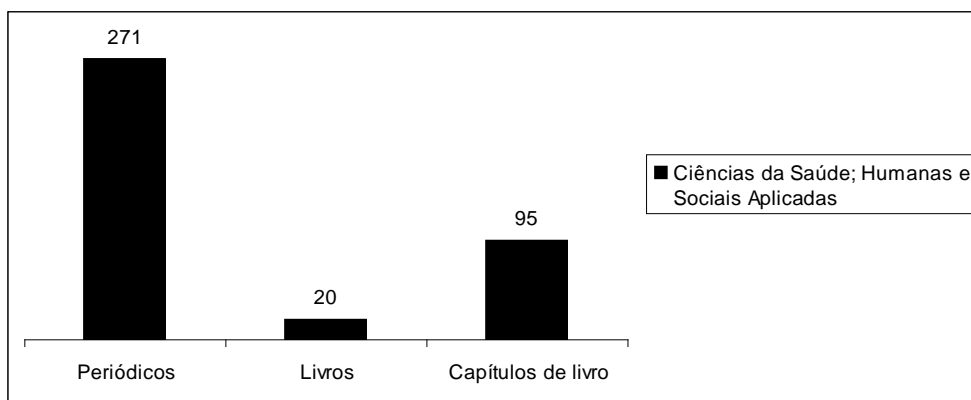


Figura 12. Distribuição da produção científica total dos 23 grupos de pesquisa.

Pode-se afirmar que tanto a área da Ciências da Saúde quanto a Ciências Humanas e Sociais Aplicadas tiveram a maior parte de seus estudos e pesquisas publicados em periódicos científicos. Sendo assim, como apresentado na figura 12,

das 386 pesquisas realizadas entre todos os grupos de pesquisa, 271 são encontradas nos periódicos (70,20%), 20 em livros (5,19%) e 95 em capítulos de livros (24,61%).

São muitos os motivos que podem levar os pesquisadores a escolherem os periódicos científicos para publicarem seus trabalhos no meio científico-acadêmico, entre eles, pode-se acreditar na implantação do Sistema Qualis pela Capes, a partir de 1998, o qual passou a classificar a produção intelectual, com base em indicadores de qualidade (A, B ou C) e de âmbito (nacional, internacional ou local) para os periódicos científicos (CARVALHO; MANOEL, 2007).

Outro motivo da grande parte dos trabalhos estarem publicados em periódicos é que, segundo Carvalho e Manoel (2007), há uma desvalorização do livro na área da Saúde, pois, de acordo com o Sistema Qualis daquele período, a produção de um livro ou capítulo de livro era equivalente à produção de um artigo; um livro publicado por uma editora nacional corresponderia a um artigo publicado em periódico A nacional; um capítulo de livro publicado por editora nacional corresponderia a um artigo publicado em periódico B nacional.

É importante ressaltar que este sistema passou por recentes alterações, inclusive, com a idealização e implantação do Qualis livro. Portanto, este debate ainda poderá sofrer muitas alterações.

Conforme mostra a figura 13, nota-se que o maior número de trabalhos está publicado em periódicos B5 (66 trabalhos - 24,36%), podendo demonstrar, assim, a falta de preocupação dos pesquisadores analisados em publicar seus trabalhos em periódicos mais qualificados.

Tal afirmação igualmente é constatada quando se observa que o número de trabalhos publicados em periódicos categorizados neste artigo como "sem classificação" somam 8 trabalhos (2,96%) e, ainda, os trabalhos publicados em periódicos classificados no estrato C, somam 24 trabalhos (8,86%).

Tani (2007) argumenta que, há alguns anos, situações como esta poderiam se justificar, em parte, pela falta de periódicos específicos da área em número, qualidade, periodicidade e com regularidade garantida; no entanto, atualmente, estes argumentos não procedem.

Com base ainda na figura 13, pode-se notar que, timidamente, os pesquisadores tem publicado seus trabalhos em periódicos com estratos mais elevados: A1 (10 trabalhos - 3,69%), A2 (11 trabalhos - 4,05%), B1 (29 trabalhos - 10,71%), B2 (51 trabalhos - 18,82%), B3 (38 trabalhos - 14,02%) e B4 (34 trabalhos - 12,53%).

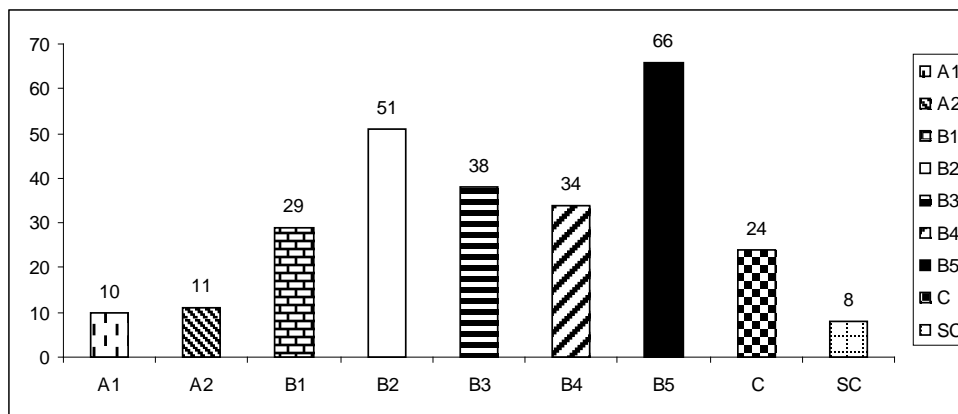


Figura 13. Total de publicações em periódicos nacionais e internacionais.

Por fim, é importante ressaltar que as 90 linhas de pesquisa encontradas, entre os 23 grupos, retratam a diversidade de possibilidades, no contexto das atividades de aventura, apontando para abordagens em diferentes setores da sociedade, relacionados a aspectos pedagógicos, compensatórios, de rendimento, dentre outros.

Contudo, é pertinente enfatizar que somente sete linhas (7,77%) possuem, em seu nome, palavras relacionadas diretamente às atividades de aventura, como mostra a tabela 1.

O fato de poucas linhas, dentre o total dos grupos investigados, apresentarem palavras relacionadas ao tema atividades de aventura pode demonstrar que grande parte dos grupos não trata o assunto como fenômeno principal no contexto de sua linha de pesquisa, denotando uma carência de grupos que, de fato, tenham as atividades de aventura como eixo central de investigação.

Tabela 1. Distribuição das linhas de pesquisa que possuem, em seu nome, palavras relacionadas diretamente às atividades de aventura.

Número de linhas de pesquisa	Linhas de pesquisa	Instituição	Área
1 2 3 4	- Análise de Componentes da Ludicidade nos Esportes de Aventura e Risco - Análise dos Aspectos Simbólicos dos Jogos Populares - Aventura, Risco e Vertigem em Esportes de Portadores de Deficiência - Identidade cultural dos esportes- imaginário social	Universidade Gama Filho - UGF	Ciências da Saúde - Educação Física
5 6 7 8	- Esporte de Aventura e Lazer - Aptidão física e Deficiência Mental - Atividade Física e Doenças Crônico-Degenerativas em Portador com Deficiência Mental - Atividade Física, Processos Cognitivos e Deficiência Mental	Universidade de Brasília - UNB	Ciências da Saúde - Educação Física
9 10 11 12 13 14	- Atividade Física e Qualidade de Vida - Atividades Aquáticas e Esportes de Aventura - Corpo, gênero e dança - Fisiologia do Exercício e Performance Esportiva - Formação profissional e mercado de trabalho - Georeferenciamento	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS	Ciências da Saúde -Educação Física
15 16 17	- Esportes na natureza e fenômenos urbanos - História do lazer na natureza - Questões de gênero nos esportes na natureza	Universidade Federal Fluminense - UFF	Ciências da Saúde - Educação Física
18 19 20 21 22	- Atividade física, doenças e agravos crônicos não-transmissíveis - Avaliação de serviços, produtos e programas em atividade física relacionada à saúde - Epidemiologia da atividade física e fatores associados - Epidemiologia do envelhecimento e da incapacidade funcional - Lazer e atividades físicas de aventura / natureza	Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC	Ciências da Saúde - Educação Física

Considerações Finais

Por meio da investigação dos grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e por meio da análise da produção científica dos líderes e vice-líderes desses grupos, percebe-se que algumas áreas do conhecimento tem se empenhado, ainda que timidamente, na produção científica sobre o tema atividades de aventura, nos últimos anos, no Brasil.

Foi possível constatar que os grupos investigados estão certificados por suas instituições e, em sua maioria, encontram-se atualizados. Os grupos foram detectados, especialmente, no interior de universidades federais, estando geograficamente localizados nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

A produção científica investigada, dos líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa em atividades de aventura, foi principalmente detectada na área da Ciências da Saúde, em particular a Educação Física, e apontou os periódicos científicos como principal veículo de disseminação do conhecimento do tema no Brasil, especialmente os encontrados no estrato B5 do Qualis.

Pode-se afirmar que o número de grupos de pesquisa e estudos em atividades de aventura ainda é reduzido, se comparado ao número de

grupos cadastrados no Diretório como um todo. Além disso, no contexto dos grupos existentes sobre atividades de aventura, há poucas linhas de pesquisa específicas sobre o tema.

Portanto, embora a preocupação dos pesquisadores tenha se mostrado crescente no cenário atual, ainda faltam estudos capazes de solidificar as reflexões necessárias sobre as atividades de aventura, especialmente por meio da consolidação de linhas de pesquisa específicas sobre o assunto.

Desta forma, acredita-se que os resultados encontrados neste estudo possam servir como referencial para auxiliar novas pesquisas que pretendam investigar e contribuir para a concretização das atividades de aventura, tema em emergência em nossa contemporaneidade.

Referências

BARUFFI, H. Metodologia Científica. **Manual para elaboração de Monografias, Dissertações, Projetos e Relatórios de pesquisas**. Dourados: HBedit, 1998.

CARVALHO, Y. M.; MANOEL, E. J. O livro como indicador da produção intelectual na grande área da saúde. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas (SP), v. 29, n. 1, p. 61-73, 2007.

CNPq Censos. Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - Censos a partir de 2000 e Base Corrente. Disponível em: http://dgp.cnpq.br/censos/inf_gerais/index_que_eh.htm/ Acesso em: 20/4/2009.

CNPq, Plataforma Lattes. Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/> Acesso em: 20/4/2009.

CNPq. Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/diretorioc/html/infogeral/index.html/> Acesso em: 20/4/2009.

CUNHA, F. J. P.; NASCIMENTO, J. V.; COLLA, D. P.; BORGES, P. A. Produção do conhecimento em Educação Física no Brasil: o caso dos grupos de pesquisa no período de 1987 a 2000. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2001, Caxambu. **Anais do XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, 2001.v.1. p.136-136.

DAOLIO, J. O ser e o tempo da pesquisa sociocultural em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas (SP), v. 29, n. 1, p. 49-60, 2007.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados. 1998.

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1994.

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDES, D. P.; GONÇALVES, L. A. V. V. Impacto da prática habitual de atividade física no perfil lipídico de adultos. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**. São Paulo, v. 51, n. 1. p. 72-78. fev. 2007.

Jornal da Ciência. Órgão da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Censo 2008 do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil registra mais de 22 mil grupos. 11 de Dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=60480> Acesso em 14/1/2009.

KOKUBUN, E. Pós-graduação em Educação Física no Brasil: indicadores objetivos dos desafios e das perspectivas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas (SP), v. 24, n. 2, p. 9-26, 2003.

KOKUBUN, E. Pós-Graduação em Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v.20, p.31-33, 2006.

MARINHO, A. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. **Motrivivência** - Revista de Educação Física, Esporte e Lazer. Florianópolis (SC): Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física, ano XVI, n.22, p. 47-69, jun, 2004.

MARINHO, A. Lazer, natureza, viagens e aventuras: novos referentes. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. São Paulo (SP): Manole, 2006, p. 1-26.

MARINHO, A. Turismo de aventura em unidades de conservação. In: PHILIPPI JR., A.; RUSCHMANN, D. V.M. (Eds.). **Gestão Ambiental e Sustentabilidade no Turismo**. São Paulo (SP): Manole, 2010, p. 439-459.

MARINHO, A.; INÁCIO, H. L. D. Educação Física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas (SP): Autores Associados, v.28, n.3, p.55-70, maio, 2007.

MARTINS, C. B. Ensino universitário em números. **Jornal da Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, 9 de agosto, 1996.

PICCOLO, V.L.N. A produção de conhecimento em educação física. **Corpoconsciência**. Santo André, n.13, p.15-22, 2004.

RIBEIRO, J. L. D.; ECHEVESTE, M. E. S.; DANILEVICZ, A. M de.; **A utilização do QFD na otimização de produtos, processos e serviços**. Porto Alegre: FEEng/UFRGS, 2001.

RODRIGUES, L. O. C. Publicar mais ou melhor? O tamanduá olímpico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas (SP), v. 29, n. 1, p. 35-48, 2007.

SANTOME, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.

SHIGUNOV, V. O que deve mudar na Educação Física das universidades brasileiras. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v.3, n.1, p.27-31, 1992.

SOUZA, A. P. T; ISAYAMA, H. F. Lazer e Educação Física: Análise dos Grupos de Pesquisa em Lazer Cadastrados na Plataforma Lattes do CNPq. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 11, v.1, n. 99, ago. 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd99/cnpq.htm/> Acesso em: 20/5/2009.

TANI, G. Educação física: por uma política de publicação visando a qualidade dos periódicos.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Campinas (SP), v. 29, p. 9-22, 2007.

VAZ, A. F. Educação do corpo, conhecimento, fronteiras. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 161-172, jan. 2003.

WEBQUALIS 3.0. Aplicativo para a classificação dos veículos de divulgação da produção científica da Pós-Graduação Brasileira. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Manual_WebQualis_3.pdf. Acesso em: 20/4/2009.

Endereço:

Fabiano Augusto Teixeira
Rua Pascoal Simone, 358 - Coqueiros
Florianópolis SC Brasil
88080-350
Telefone: (48) 8423.8057
e-mail: fabiano_teixeira017@hotmail.com

Recebido em: 17 de outubro de 2009.

Aceito em: 06 de maio de 2010.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)